

Os líderes das invasões

Paulo de Araújo

**Pedro Barbudo**

Homem que faz ameaças no Paranoá conversa com o deputado José Edmar (no alto), de quem é assessor

Partidários de Roriz e donos de imóveis estão entre aqueles que estimulam as ocupações irregulares

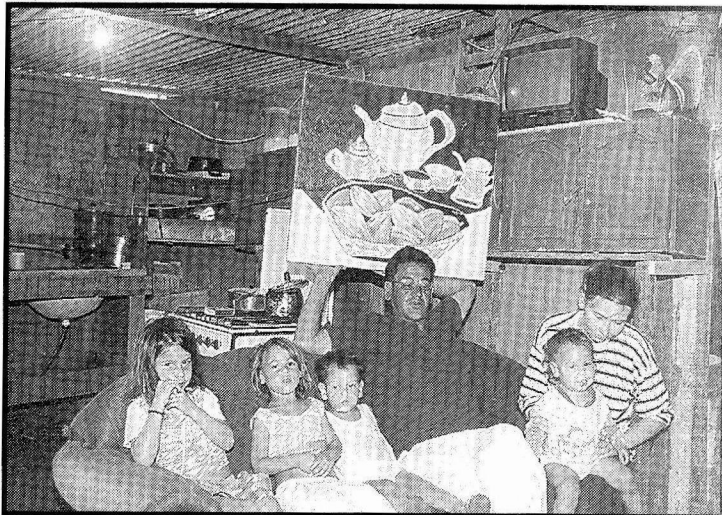
Ricardo Mendes
Da equipe do **Correio**

A Marlene da Estrutural, quem diria, trabalha hoje para o governo e condena as invasões de áreas públicas. Para ela, que já desafiou autoridades e foi acusada de estimular o incêndio de um posto policial, os líderes comunitários surgidos nas ocupações irregulares "são massa de manobra" de outros políticos, papel que reconhece ter representado durante a administração petista.

Mas, enquanto ela goza da tranqüilidade de um emprego no Instituto Candango de Solidariedade (obtido este ano), outros líderes vão surgindo nas favelas. Alguns deles admitem ter onde morar legalmente. Ao mesmo tempo em que pressionam o governo, são unânimes no apoio ao governador. E justificam suas ações como cobrança das promessas de moradia feitas na campanha eleitoral pelo então candidato Joaquim Roriz.

Um dos novos líderes é Gercino Vaz Diniz, 48 anos, fundador e presidente da Associação Movimento Democrático dos Pequenos Agricultores Sem Terra e Sem Teto Nova Esperança, entidade com 15 mil filiados registrada em cartório este ano. Em Formosa (GO), a 70 quilômetros de Brasília, ele preside outra associação popular para reivindicar habitações, com 5 mil inscritos. Já promoveu uma ocupação no Setor

Wanderlei Pozzembom

**Gilberto Moitinho**

Presidente de uma associação de invasores no Recanto das Emas, ele diz sustentar a família com a venda dos quadros que pinta

QNG de Taguatinga e lidera um grupo de 15 chacareiros em uma área próxima ao córrego Currais, na mesma cidade.

Diniz tem uma biografia curiosa. Mineiro de Paracatu, chegou ao Distrito Federal em 1958. Desde então, muita coisa ocorreu: foi padre e fundador do PMDB de Ceilândia. Sustenta-se com o que recebe do Exército, onde foi reformado como sargento. Em 1972, ganhou e gastou um prêmio milionário da Loteria Federal. "Dava para comprar 120 opalas, mas acabei distribuindo dinheiro aos pobres e viajando pelo mundo", explica.

Ele mora em Ceilândia Sul, numa casa recebida da antiga

Shis (atual Idhab, Instituto de Desenvolvimento Habitacional de Brasília). Formado em Direito, diz ter um prédio, um lote e duas casas em Formosa. "Não preciso de terra, quero é para os outros", afirma.

Candidato a deputado distrital pelo PMDB, mesmo partido do governador, Diniz obteve apenas 68 votos em 1998 e acha que foi vítima de fraude eleitoral. Sua ambição é convencer o governo a dar aos seus milhares de associados lotes urbanos de 300 m² e chácaras de dois a cinco hectares — para quem quiser ser produtor rural.

Outro peemedebista a ameaçar o governo é Pedro César Fer-

reira Maravalho, 44 anos. Mais conhecido como Pedro Barbudo, há 22 anos ele representa Jesus na Páscoa, na Via Sacra que ocorre nas ruas do Paranoá. Pedro virou uma cruz na intenção oficial de inibir novas invasões, apesar de ter feito campanha para Roriz — chegou a ser preso por propaganda de boca-de-urna. Mais que isso: é assessor remunerado a serviço do líder do governo na Câmara Legislativa, deputado José Edmar (PMDB).

Casado, três filhos, Pedro mora com a família no andar de cima de um imóvel próprio, em lote recebido na passagem anterior de Roriz pelo governo (1991/1994). O andar de baixo é alugado para uma sapataria. "Não estou brigando por mim, é pelo povo", garante ele, presidente do Movimento dos Inquilinos do Distrito Federal, com 5 mil associados. A sede da entidade é na casa dele.

Ele luta pela criação de uma expansão no Paranoá capaz de abrigar seus liderados. Na véspera do feriado de 7 de setembro, Pedro reuniu 2.200 pessoas debaixo de uma plantação de eucaliptos, em frente às quadras ímpares da cidade. A área foi ocupada por 1.300 barracos, mas liberada a pedido do governo. "Estamos aguardando uma posição do governo, e espero que eu não tenha que realizar outro evento como aquele porque não sei se vou conseguir retirar o pessoal de novo", ameaça.

Maravalho, que sequer concluiu o ensino primário, adianta que há três áreas no Paranoá passíveis de ocupação. Ele manifesta confiança no governador, mas ataca sua equipe. "Eu me sinto abandonado pelo secretariado e não quero que me subestime porque podem se complicar", avisa. "Mas sei que, se ocuparmos, Roriz não vai passar trator por cima das casas."

Outro líder é Gilberto Moitinho, 41 anos, filiado ao PFL e presidente da Associação dos Moradores do Recanto das Emas Excluídos da Lista do Idhab (Amreli) com 1.572 associados — cada um deles representa um barraco na invasão da quadra 605.

Natural de Campinas (SP), Moitinho chegou ao Distrito Federal em 1990 para trabalhar como mestre-de-obras. Morou de aluguel no Recanto das Emas até 1995, quando se transferiu para a invasão. Nesse tempo, casou-se com a empregada doméstica Maria de Jesus de Souza, atualmente com 32 anos. Com ela, teve quatro filhos. "Todos nasceram aqui na invasão", conta.

Ao contrário de Pedro Barbudo e Diniz, Moitinho mora em invasão. Vive lá porque quer. A mulher tinha um lote em Luziânia, vendido por R\$ 1.400. "Lá, (o lote) não tinha valor, e decidimos vender porque precisávamos comprar carro", justifica ele, que é também artista plástico e garante se sustentar com os quadros que vende "por até

R\$ 400". Já pintou 372 telas.

A sede da associação é um dos pontos de distribuição de cestas básicas dadas pelo governo no programa Pró-Família. Moitinho nega ser apoiado por qualquer parlamentar e diz o que é preciso para aceitar esse tipo de aliança: "O deputado que quiser me ajudar vai ter que dar cesta básica e um carro para transportar o povo".

Tem gente que parece ser líder por acaso. Assim é Josias Ferreira dos Santos, 31 anos, um mecânico aposentado que virou invasor no início do ano. Antes, era casado e morava de aluguel com a mulher e três filhos em uma casa de fundos em Ceilândia. Ele também não concluiu o primário, demonstra não ter gosto por política, mas acabou virando líder pela "facilidade de expressão" que demonstra ao conversar. Dois meses depois da mudança para a favela, foi escolhido presidente da Associação dos Moradores da Invasão da Área Verde da Quadra 601 do Recanto das Emas (Asmiv), com 400 barracos.

Josias diz ajudar o governo porque impede o crescimento da invasão. Ele aconselha os vizinhos a esperar pacientemente uma solução, sem achar que podem ser retirados à força. "Ainda acredito que Brasília seja a melhor cidade para se viver, com administração excelente e acolhendo todo mundo", elogia, com o esgoto correndo a céu aberto, na porta de sua casa.